

## AMAZÔNIA E O DESENVOLVIMENTISMO: AS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS SOBRE A EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO NA FOZ DO AMAZONAS

### AMAZON AND DEVELOPMENTALISM: JOURNALISTIC NARRATIVES ABOUT OIL EXPLORATION AT FOZ DO AMAZONAS

Nathan Nguangu Kabuenge

*Universidade da Amazônia (Unama)*

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3705-2125>

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

*Universidade da Amazônia (Unama)*

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3194-7259>

Luna Carvalho de Lucena

*Universidade da Amazônia (Unama)*

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0365-0127>

Alda Cristina Silva da Costa

*Universidade Federal do Pará (UFPA)*

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8430-5703>

Thiago Almeida Barros

*Universidade da Amazônia (Unama)*

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9608-7416>

Edgar Monteiro Chagas Junior

*Universidade da Amazônia (Unama)*

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2048-560X>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.65182

#### RESUMO:

A mídia e a construção de sentidos dos acontecimentos para a vida social. Essa é a perspectiva do presente artigo, que objetiva analisar como as narrativas jornalísticas da “Série Petróleo na Amazônia”, de um portal nacional, abordam a relação ética-política sobre o modelo de desenvolvimento da/na Amazônia, uma vez que este vai além da oposição

entre preservação da natureza e desenvolvimento. Com base na análise pragmática da narrativa jornalística, tendo as reflexões ricoeurianas no desdobramento da mimesis I, II e III, analisamos as cinco reportagens feitas pelo portal CNN Brasil, publicadas entre 18 e 22 de dezembro de 2023. Os resultados apontam uma amplificação do falso paradoxo entre a preservação da Amazônia e o desenvolvimento do Brasil. Um paradoxo que impede de pensar em outro modelo de desenvolvimento para a região que, em 2025, vai sediar um dos mais importantes eventos ambientais do planeta, o *Conference of the Parties* (COP), uma conferência anual para discutir cooperações entre países que possam prevenir as intervenções humanas danosas ao sistema climático mundial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia, foz do Amazonas, narrativa jornalística.

### **ABSTRACT:**

The media and the construction of meanings of events for social life. This is the perspective of this article, which aims to analyze how the journalistic narratives of the “Series Petróleo na Amazônia”, from a national portal, address the ethical-political relationship regarding the development model of/in the Amazon, since this goes beyond the opposition between nature preservation and development. Based on the pragmatic analysis of the journalistic narrative, with Ricoeurian reflections on the unfolding of mimesis I, II and III, we analyzed the five reports made by the CNN Brasil portal, published between December 18 and 22, 2023. The results point to an amplification of the false paradox between the preservation of the Amazon and the development of Brazil. A paradox that prevents us from thinking about another development model for the Region which, next year, 2025, will host one of the most important environmental events on the planet, Conference of the Parties (COP), an annual conference that aims to prevent harmful human interventions in the global climate system.

**KEYWORDS:** Amazon, foz do Amazonas, journalistic narrative.

## **INTRODUÇÃO**

Em 2022, quando a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) aprovou a concessão de 218 áreas com a possibilidade de exploração de petróleo na Amazônia, abriu-se um fraco alerta na sociedade. Fraco porque, naquele ano, a mídia não veiculou de fato o que significava essa aprovação, mesmo com o veto do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) sobre a atividade de exploração petrolífera na Foz do Amazonas. Essa negação implicou desistência,

em 2020 e 2021, das multinacionais *Total Energies* (sediada na França) e *BP Energy* (sediada na Inglaterra). Em 2013, as duas multinacionais arremataram cinco blocos na Margem Equatorial Brasileira, com a finalidade de continuarem com as atividades de exploração de petróleo na região, mas depois venderam suas participações para a Petrobras, que seguiu as negociações com o Ibama para a obtenção das licenças de exploração.

O veto do Ibama, em 17 de maio de 2023, tornou-se um segundo impedimento do instituto à realização das atividades na região. Esse fato nos levou a investigar<sup>1</sup> as razões por trás da atenção midiática dada à divulgação dos fatos, especialmente após as negações do Ibama.

Considerando a mídia enquanto uma instituição social de produção do imaginário contemporâneo, a partir da sua função social de comunicar e formar a sociedade através de notícias globais, tendo alta capacidade de comunicabilidade e disseminação de informação, sustentamos que a mídia jornalística compartilha conhecimentos que visam à mudança de paradigmas/hábitos, participando, também, da construção do debate social sobre a exploração do petróleo na Amazônia. Percebeu-se que a mídia negligenciou à sociedade um debate ético-político sobre a importância de se discutir um modelo de desenvolvimento na Amazônia. Ao invés disso, percebemos que as narrativas analisadas, apoiando-se em uma suposta neutralidade, apresentaram-se esvaziadas, procurando evidenciar o conflito entre os integrantes do governo Lula e, ao mesmo tempo, o embate entre os que apoiavam ou não a exploração do petróleo na Amazônia.

O presente artigo tem como objetivo analisar como as narrativas jornalísticas da “Série Petróleo na Amazônia”, do portal CNN Brasil, abordaram a relação ética-política sobre o modelo de desenvolvimento da/na Amazônia, o que vai além da oposição entre preservação da natureza e desenvolvimento. Para tanto, considerou-se a perspectiva ricoeuriana do desdobramento da mimesis I, II e III, na análise das cinco matérias que compuseram a série entre 18 e 22 de dezembro de 2023, visando perceber a ideia de desenvolvimento para a Amazônia construída por esse portal no contexto que a Amazônia, especificamente o estado do Pará (cidade de Belém)<sup>2</sup>, vai organizar a COP 30 em 2025.

A pesquisa é dividida em três partes: a primeira discute o modelo de desenvolvimento na Amazônia; a segunda apresenta os procedimentos metodológicos utilizados; e por fim, a terceira parte traz a análise dos dados.

## QUAL MODELO DE DESENVOLVIMENTO É POSSÍVEL PARA A AMAZÔNIA?

O entendimento do modelo de desenvolvimento dominante na Amazônia pode ser observado nos processos de sua invasão no século XVI, que fracassaram devido aos obstáculos físicos, como os rios e as florestas, que inviabilizaram a penetração de expedições.

A situação mudou com a chegada da Inglaterra e da Holanda à Amazônia – os holandeses adentraram no Xingu enquanto os portugueses ocuparam e fundaram Belém. Durante esse período, o capitalismo se consolidava como modo de produção demandante de recursos naturais, tornando a Amazônia objeto de exploração, tendo efeitos que ainda podem ser sentidos hoje. De acordo com Silva (2011), a Amazônia está vivendo um momento de imperialismo capitalista, com a inserção do Brasil no processo da nova Divisão Internacional do Trabalho, o que facilitou a ocupação da Amazônia e a exploração de seus recursos naturais.

O empenho do governo federal em facilitar o acesso à Amazônia, de acordo com Silva (2011), se materializou: no deslocamento da força de trabalho vinda de outras regiões e de fora do Brasil para a Amazônia; na transformação das cidades amazônicas; na construção da rodovia Belém-Brasília; e na renúncia estatal de 50% dos impostos sobre lucros para quem atuava na Amazônia etc.

Similarmente, Schmink e Wood (2012) afirmam que, no início da década de 1970, o regime militar viabilizou processos de povoamento e exploração da Amazônia através da facilitação de créditos e incentivos fiscais para atrair o capital privado, e financiamento da construção da Transamazônica - uma estrada sem pavimentação de cinco mil quilômetros que cruza a bacia amazônica, do Maranhão ao Acre. Destacamos ainda a criação, naquela época, da meta do Plano de Integração Nacional (PIN), que visava ao assentamento de pequenos agricultores que recebiam lotes de cem hectares ao longo da Transamazônica. Com essa distribuição, para os autores, o governo federal intencionava criar uma classe próspera de pequenos produtores.

Entretanto, Schmink e Wood (2012) acreditam que esses processos de colonização geraram uma ocupação desordenada da Amazônia, o que se cristalizou em disputas entre grandes investidores vindos do centro e do sul do Brasil e pequenos produtores. A transformação das cidades amazônicas com a intervenção do governo federal não somente as tornou grandes núcleos urbanos, mas também as fez um problema para a região, acelerando o

desmatamento, a poluição do ar e dos rios etc. Tais problemas podem ser atribuídos a um modelo de desenvolvimento firmado no sistema de exploração dos recursos naturais, que traz consigo o embate entre a preservação da natureza e a proposta de desenvolvimento ao custo da degradação ambiental.

Refletindo com Castro (2012), o desafio hoje é achar um padrão de sociedade e economia que incorpore a natureza (homem e meio) nos processos de desenvolvimento. Precisamos pensar em substituir um modelo de desenvolvimento “no qual o interesse principal está no crescimento econômico, sem considerar os impactos sobre a sociedade e a natureza” (Castro, 2012, p. 17). Ou seja, centralizar a natureza nos processos de desenvolvimento.

[...] entende-se por desenvolvimentismo a política econômica formulada e/ou executada, de forma deliberada, por governos [...] para, através do crescimento da produção e da produtividade, sob a liderança do setor industrial, transformar a sociedade com vistas a alcançar fins desejáveis, destacadamente a superação de seus problemas econômicos e sociais, dentro dos marcos institucionais do sistema capitalista (Fonseca, 2015, p. 40, grifo do autor).

Nessa busca, o que importa é o conceito de progresso. Aqui reverbera a questão de Loureiro (2012, p. 527), “é viável pensar em outra forma de desenvolvimento para a Amazônia brasileira [...] sob a qual os habitantes e a natureza da região não sejam tão explorados, a natureza seja mais bem conservada [...]?”. Infelizmente, a justificativa desenvolvimentista que acompanhou o anúncio da exploração do petróleo na Margem Equatorial revela que, para as instituições brasileiras e o poder público, não há outra lógica para se desenvolver. Portanto, o Estado brasileiro e as instituições ainda não vislumbraram a

[...] viabilidade de se construir uma vida mais justa e digna para todos, a partir de parâmetros de desenvolvimento diferentes, e por isso alternativo sem relação aos parâmetros definidos e impostos pelo modelo hegemônico em vigor no mundo ocidental, que se tem mostrado indiferente aos incontáveis desacertos e males que desencadeia nos países e regiões periféricas (Loureiro, 2012, p. 527).

A exploração do petróleo na Foz do Amazonas é uma ilustração desse modelo hegemônico de desenvolvimento. A divergência entre os argumentos para essa exploração, representada no impasse entre o Ministério de Meio Ambiente e Mudança Climática e o Ministério de Minas e Energia do governo Lula, são duas faces da mesma moeda - o desenvolvimentismo. Por isso, é importante pensar em outro modelo de desenvolvimento da Amazônia diferente do hegemônico, que traz consigo o falso dilema entre desenvolver ou preservar (Loureiro, 2012), presente na crítica direcionada ao governo Lula, ao autorizar as atividades petrolíferas na Foz do Amazonas.

Esse conflito não é uma exclusividade do discurso político ou econômico, encontrando-se presente também no discurso midiático, que o amplifica através de seus dispositivos linguísticos e extralinguísticos de produção da realidade e do mundo “possível”, ou seja, em que há conformidade entre o homem e seus processos de produção e a natureza. A mídia é uma das principais fontes de produção do imaginário, e enquanto instituição social de construção da realidade, deveria ser um dispositivo de compartilhamento de conhecimentos e valores que transcendem esse dilema.

Portanto, ao exercer seu papel, a mídia deveria trazer ao debate a possibilidade de outros modelos de desenvolvimento na Amazônia, em que, como advoga Loureiro (2012, p. 527), “os habitantes e a natureza da região não sejam tão explorados, a natureza seja mais bem conservada e os conflitos sociais, reduzidos”, conflitos estes que nascem devido às intervenções do poder tanto público quanto econômico na região, beneficiando uma minoria.

A mídia é capaz de trazer este outro debate de desenvolvimento porque, de acordo com França (1998, p. 21), “o advento e evolução dos modernos meios de comunicação, sem dúvida, alteraram o processo de produção das linguagens e as relações entre a palavra e o terreno do vivido”. Por isso, consideramos, conforme Canclini (2002, p. 41), que os meios de comunicação não são “unicamente como redes invisíveis e deslocalizadas, cuja dinâmica poderia ser entendida somente através das estratégias empresariais e dos recursos tecnológicos mobilizados”, mas devem ser também entendidos em sua dinâmica no sentido social de produção de um mundo possível.

Observamos hoje, de acordo com Rodrigues (2000, p. 5), que os meios de comunicação redefiniram “a relação da experiência humana com o espaço e o tempo, [com a mídia] as relações entre espaços distantes tornam-se tanto mais fáceis, rápidas e confortáveis quanto menos nos deslocarmos e mais nos conectarmos”. Neste sentido, a comunicação se configura como relação ou processo de compartilhamento e produção de sentidos (França, 2001).

A partir desses conceitos, analisamos as construções narrativas do portal CNN Brasil sobre a exploração de petróleo na Foz do Amazonas. Tomada a narrativa como a comunicação que possibilita perceber a forma como seres temporais agenciam suas ações no mundo e negociam sentidos e significados, foram elaborados procedimentos metodológicos a fim de captar os processos narrativos de construção de sentidos em relação à exploração do petróleo na Foz do Amazonas.

## REFIGURAÇÃO DA NARRATIVA DA EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO NA AMAZÔNIA

A refiguração do texto analisado aqui começou com a busca, no Google, da seguinte frase: “exploração do petróleo na Foz do Amazonas”. Obtivemos, no caso do portal da CNN Brasil, 83 matérias publicadas de março de 2023 a março de 2024. Destas, analisamos somente cinco matérias que foram publicadas no que o portal chamou de “Série Petróleo na Amazônia”, que foram publicadas entre o dia 18 de dezembro de 2023 e o dia 22 de dezembro de 2023.

Destacamos que as reportagens foram atualizadas uma vez desde sua publicação, conforme pode ser observado na Tabela 1. Outro aspecto a ser considerado é que o portal analisado não mostra o que foi atualizado nas matérias. A série foi selecionada porque o portal destacou como matérias especiais as que tratavam da exploração de petróleo na Margem Equatorial Brasileira. Além disso, todas elas foram escritas por um repórter, Caio Junqueira, o que implica que foram escritas no mesmo estilo.

**Tabela 1:** Títulos e subtítulos das matérias da “Série Petróleo na Amazônia” da CNN Brasil.

Título	Subtítulo	Data/Hora	Autor(a)
Amapá vive expectativa de desenvolvimento com petróleo	Projeto da Petrobras uniu rivais políticos, e pesquisa aponta que população do Amapá defende exploração no estado	18/12/2023 às 21:35 Atualizada 19/12/2023 às 18:12	Caio Junqueira, da CNN
Movimentos têm resistência à exploração de petróleo no Amapá	ONGs, Igreja e professores questionam empreendimento da Petrobras no estado	19/12/2023 às 21:53 Atualizada 19/12/2023 às 22:14	Caio Junqueira, da CNN
Pesquisadores apontam riscos ambientais na exploração de petróleo no Amapá	Movimento das marés e sistema de recifes são pontos mais delicados, afirmam os estudiosos	20/12/2023 às 21:23 Atualizada 20/12/2023 às 21:42	Caio Junqueira, da CNN
Oiapoque pode se tornar capital nacional do petróleo	Expectativa com projeto já mexe com economia local no Amapá	21/12/2023 às 21:04 Atualizada 22/12/2023 às 11:31	Caio Junqueira, da CNN
À CNN, presidente da Petrobras defende destinação de royalties da foz para Amazônia	Em entrevista exclusiva à CNN, Jean Paul Prates falou sobre a esperança de que a exploração de petróleo na Foz do Amazonas ocorra no segundo semestre de 2024	22/12/2023 às 21:07 Atualizada 22/12/2023 às 21:18	Caio Junqueira, da CNN

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024.

Podemos observar, na Tabela 1, os títulos e subtítulos das matérias, que apresentam como se constrói, na série, a narrativa sobre a exploração do petróleo na Amazônia, apresentando dois discursos antagônicos: o do desenvolvimento da região que, por mágica, parece depender da exploração do petróleo; e o da preservação do meio ambiente, que passa pela resistência de parte da sociedade civil contra a exploração do petróleo.

Na análise, partimos das reflexões de Ricoeur (2010), principalmente a partir do desdobramento da mimesis em mimesis I, II e III. De acordo com Ricoeur, a mimesis I (ou mundo prefigurado), é o mundo de valores morais e éticos; de mitos, representações, imaginários, tabus, interditos etc. nos quais nos baseamos para escrever nossas narrativas e pré-compreendemos o mundo em que habitamos.

No mundo prefigurado, construímos nossa visão e criamos nossas narrativas, organizando os fatos para dá-los sentido e significado. Portanto, a construção de tais narrativas depende do contexto espaço-temporal em que são produzidas, o que é, geralmente, constituído pelas nossas heranças do passado, experiências vividas no presente e expectativas de futuro.

A mimesis II seria o reino do “como se”, ou o mundo da configuração. É a partir dele que produzimos textos, tecemos intrigas que ligam incidentes ou acontecimentos individuais à totalidade de uma história. Por isso, aqui, a intriga tem a vocação de transformar os acontecimentos em história, sendo a síntese do heterogêneo. Por isso, entender a história implica a compreensão do “porquê” e do “como” de uma sucessão de acontecimentos, uma vez que é somente a partir deles que chegamos a uma possível conclusão da história.

As matérias do portal da CNN Brasil analisadas estão interligadas pelo contexto da sua escrita na Amazônia, e pela intriga resultada do veto do Ibama sobre a exploração de petróleo na região em 2023. Em 2018, o Ibama já tinha negado outra demanda de exploração, mas como o governo federal era encabeçado pelo ex-presidente, Jair Bolsonaro, não observamos matérias jornalísticas falando sobre o assunto.

Percebemos, contudo, que o portal começou a tecer a sua intriga sobre o tema apresentando possíveis benefícios que a atividade petrolífera traria para a região, principalmente para o Amapá, e termina a sua história destacando a preocupação do presidente da Petrobras, Jean Paul Prates<sup>3</sup>, de que a Amazônia seria a primeira beneficiada com a exploração do petróleo: “À CNN, presidente da Petrobras defende destinação de royalties da foz para a Amazônia” (CNN Brasil, 2023, s/p).

Observamos que a “Série Petróleo na Amazônia” cria efeitos de sentido que esta será diferente das outras explorações de recursos naturais já realizadas, que beneficiaram mais outras regiões do Brasil do que a própria Amazônia. Assim, percebemos que a narrativa construída pelo portal nas matérias da “Série Petróleo na Amazônia” levou a determinar, por exemplo, a ação principal narrada e suas mediações simbólicas, os atores sociais (humanos ou não) que realizaram as ações narradas na intriga e o contexto espaço-temporal em que as ações narradas aconteceram, tendo início, meio e fim.

Por fim, a mimesis III ou o mundo da refiguração, é aquele no qual é feita a interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor. Para Ricoeur (2010, p. 123), na interseção que se faz “entre o mundo configurado pelo poema e o mundo no qual a ação efetiva se desdobra e desdobra sua temporalidade específica”, define-se a passagem da mimesis II para a mimesis III por intermédio da leitura, implicando a modelização da experiência pela intriga, de onde emerge uma história completa a ser contada. Sendo assim, percebemos que o ato de leitura se configura como operador que coloca em relação a mimesis III e a mimesis II.

Concluimos o tópico reforçando que, na análise das matérias publicadas na “Série Petróleo na Amazônia” do portal CNN Brasil, consideramos-nas como episódios de um texto completo, capaz de ser acompanhado por ter início e fim. Tais matérias foram publicadas pelo portal, e produzidas pelo jornalista Caio Junqueira a partir de sua visão do mundo, que lhe forneceu uma pré-compreensão e pré-explicação sobre a atividade petrolífera da Petrobras na Amazônia, com base nos valores, nas normas, nos tabus, entre outros, que representam o mundo prefigurado ou a mimesis I. No mundo da configuração, mimesis II, o portal construiu a intriga ou a narrativa da exploração do petróleo na Amazônia. Dessa narrativa que nós, na mimesis III, enquanto seus leitores e pesquisadores, analisamos e a refiguramos, a compreendemos e interpretamos.

## **A INTRIGA COMO FORMA DE COLOCAR EM RELAÇÃO OS HETEROGÊNEOS: RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Entendemos a narrativa como dispositivo que faz conexões, arranjos reais, estabilizados ou inscritos num determinado contexto que, tendo proximidade com a zona de incerteza que caracteriza os fenômenos e acontecimentos, implica uma desestabilização dessas conexões heterogêneas que geram novas conexões, a partir das quais emergem outros sentidos e significados.

Para Ricoeur (2010), compor a intriga é trazer uma inteligibilidade que coloca em relação o tema da narrativa e a apresentação das circunstâncias e mudanças que constituem o desenlace da trama. Isto é possível porque “as intrigas configuram e transfiguram o campo prático, englobam não só o agir e o padecer, portanto também os personagens como agentes e como vítimas” (Ricoeur, 2010, p. 4). Em outras palavras, as intrigas auxiliam os humanos na organização dos acontecimentos caóticos em realidades cognoscíveis, como representações de ação (Ricoeur, 2010), sendo tarefa do analista a compreensão da ação principal da narrativa analisada, que passa pela composição da intriga reparadora, da concordância e da discordância das experiências temporais humanas.

Sanar a discordância que emergiu com a negação da licença de exploração do petróleo na Amazônia foi o ponto central percebido nas narrativas jornalísticas da “Série Petróleo na Amazônia” do portal CNN Brasil, pois observamos o jogo de equilíbrio do portal em trazer as diferentes vozes discordantes com as atividades petrolíferas na região.

O Ibama negou, em 17 de maio de 2023, a licença de perfuração solicitada pela Petrobras, o que se desdobrou em vários episódios narrativos. Destacamos aqui os mais marcantes: o pedido da Petrobras, em 25 de maio de 2023, para que o Ibama reconsiderasse a sua negativa sobre as atividades petrolíferas na Foz do Amazonas; a recomendação do Ministério Público Federal (MPF), em 18 de agosto, para que o Ibama rejeitasse o pedido de reconsideração feito pela Petrobras; a emissão, em 29 de setembro de 2023, da primeira licença ambiental pelo Ibama, liberando as atividades petrolíferas na Margem Equatorial Brasileira, principalmente em blocos na Bacia Potiguar; a conquista da licença ambiental que libera perfuração na Bacia Potiguar pela Petrobras, em 2 de outubro de 2023; e a esperança de obtenção da licença de exploração na Foz do Amazonas, em 2024.

Além desses fatos, não podemos perder de vista que a repercussão da negativa do Ibama ao pedido da Petrobras, tendo marcado o conflito que mantém viva a narrativa, só ganhou amplitude devido à mudança no executivo nacional com a eleição do presidente Lula em 2022. O Ibama já tinha negado outro pedido da Petrobras em 2018 que não gerou a mesma repercussão.

De acordo com as análises, essa repercussão se deve a uma suposta contradição da posição do então candidato à presidência da República, Lula, entre preservar o meio ambiente, e a busca do seu governo de explorar o petróleo na região. Esse destaque visava causar

na sociedade efeitos de sentido que mostrariam as dificuldades do presidente Lula em cumprir todas as suas promessas feitas durante a campanha eleitoral.

A repercussão do fato, portanto, seria uma crítica dos veículos de comunicação brasileiros que, de uma forma geral, adotam uma linha editorial crítica aos governos de esquerda (Ladeira, 2020). Isso explica, refletimos, uma maior repercussão da negativa do Ibama em 2023 do que em 2018.

Depois de destacar a repercussão que teve a negativa do Ibama na mídia, cumpre informar que, mesmo não podendo disponibilizar as matérias na sua integridade devido ao limite de caracteres, a inclusão dos títulos e subtítulos na Tabela 1 permitiu ter uma ideia sobre a construção narrativa do portal CNN Brasil sobre a exploração do petróleo na Amazônia. Assim, o tecer da intriga analisada foi feita seguindo a ordem cronológica da publicação das matérias.

De acordo com a Tabela 1, as matérias que se centraram no aporte econômico e no possível desenvolvimento da região abrem e fecham a série, e as matérias que abordam a questão a partir da preocupação com o meio ambiente encontram-se no meio. Isto nos mostra qual aspecto da problemática foi privilegiado nas construções do portal CNN Brasil: o aspecto econômico.

Essa afirmação é validada pelo quantitativo das matérias que compuseram a série. Das cinco matérias, três (a primeira, quarta e quinta) abordaram tal temática economicamente, enquanto somente duas (segunda e terceira) se preocuparam com as vozes dissidentes do projeto.

Assim, como a narrativa analisada nasceu com a negativa do Ibama em permitir as atividades petrolíferas da Petrobras na Amazônia, a personagem principal é a Petrobras. A narrativa foi desdobrada em cinco episódios na série de reportagens do portal CNN Brasil, com abordagens de diferentes aspectos da problemática.

No primeiro episódio/primeira matéria da série, temos o tom desenvolvimentista em torno da exploração do petróleo no Amapá, que é apresentada como redentora para um estado considerado como um dos mais pobres do Brasil, resultando na “geração de empregos e da melhoria da renda na região” (CNN Brasil, 2023a, *on-line*) e sendo capaz de reunir adversários políticos.

A matéria apresenta os dados da pesquisa realizada pelo portal, na qual a maioria dos entrevistados tende a apoiar a exploração de petróleo. Nela, encontramos as

declarações do governo do estado, que destaca os esforços do Amapá em preservar a Amazônia, mantendo os melhores indicadores ambientais do Brasil, mas também enfatiza que a população do estado terá melhores “indicadores sociais e os indicadores econômicos também possam subir. Nós queremos usufruir desse valor que é a nossa floresta, que são os nossos rios, que é toda essa biodiversidade que nós temos” (CNN Brasil, 2023a, on-line). Além do governador, a reportagem apresenta também a declaração do prefeito da capital do Estado, que diz que a exploração do petróleo seria como “uma redenção econômica do estado do Amapá. Nós temos nessa mesma Margem Equatorial a Guiana Inglesa explorando, sendo considerada uma nova Dubai na América do Sul e o Amapá não pode deixar de explorar” (CNN Brasil, 2023a, on-line), além de afirmações similares de empresários.

Em nenhum momento o portal apresenta vozes dissidentes ao projeto de exploração do petróleo no estado do Amapá e nem, de uma forma consistente, aborda a questão dos possíveis danos à natureza. Ao invés disso, se contenta em assinalar superficialmente a falta de estudos ambientais dos impactos dessa exploração.

No segundo episódio, o portal apresenta vozes dissidentes que, similarmente, não se opõem radicalmente à exploração do petróleo, mas propõem que esse projeto seja diferente dos anteriores. Assim, o cacique Edmilson Oliveira declarou que, mesmo antes do empreendimento começar, já estava sofrendo “alguns impactos que são preocupantes [...]. Nós, povos indígenas, não somos contra o empreendimento, não somos contra o desenvolvimento, mas queremos ser consultados” (CNN Brasil, 2023b, on-line). Para o cacique, o seu povo só quer entender o processo de exploração de petróleo que será feito na região.

A segunda afirmação vem do mundo acadêmico, com os professores da Universidade Federal do Amapá (Unifap). O professor Alberto Tostes afirmou que apoia qualquer projeto de desenvolvimento do Amapá, desde que tal projeto defina suas responsabilidades e implicações, sejam elas econômicas, sociais e institucionais, o que evitaria para o estado o que foi percebido “anteriormente no passado, no antigo território federal e posteriormente no estado de grandes projetos que se instalaram e que o resultado final não foi satisfatório” (CNN Brasil, 2023b, on-line).

Em terceiro lugar, a reportagem apresenta a afirmação do padre Sisto Magro, que parece destoar das restantes, mas também se preocupa com a equidade na distribuição

de riqueza gerenciada pela exploração do petróleo. Para ele, o projeto não irá mudar nada no Amapá, já que os *royalties* da exploração dos recursos naturais seriam algo que a autoridade ou governante gerencia, não beneficiando a população. Assim, não será “em prol da população, para a benfeitoria da população, que de fato nós no Amapá não estamos muito desenvolvidos e *royalty* já tem entrado um bocado, mas o Amapá continua pobre.” (CNN Brasil, 2023b, s/p). Por fim, a matéria trouxe a voz das organizações não governamentais na imagem de Flávia Guedes, que destaca a participação das ONG’s na formação e informação da população sobre o processo de exploração do petróleo no estado.

No terceiro episódio, também estão presentes vozes dissidentes ao projeto, no entanto, mantém o mesmo tom da segunda matéria, sem uma oposição radical, mas cobrando medidas concretas de contenção dos danos no caso de haver vazamento de óleo na bacia do rio Amazonas. A primeira voz apresentada é do mundo acadêmico, da pesquisadora Valdenira Santos, que se preocupa com o impacto do projeto sobre algas calcárias e corais. Depois, as vozes dos moradores do estado que dependem do rio Amazonas, que questionam as medidas de mitigação dos riscos ligados aos vazamentos de óleo.

O portal fecha a matéria com Valdenira Santos, que destaca que a questão do vazamento deve ser considerada “em grande escala [...] e a região não é prerrogativa da empresa, a prerrogativa da empresa é ela conter o derrame, mitigar os danos e fazer os devidos pagamentos e ressarcimentos” (CNN Brasil, 2023c, s/p), por isso cabe ao país como um todo, ela enfatiza, ter um plano consistente de contingência.

No quarto episódio, o portal retoma o tom da primeira matéria, que apresenta os benefícios econômicos para o estado. Mesmo destacando a questão de atividade ilegal no município Oiapoque, que faz fronteira com a Guiana Francesa e que, de acordo com o portal, pode se tornar a capital nacional do petróleo, os sentidos narrativos construídos na matéria indicam que, com a circulação de riquezas na região, as questões de “migração ilegal, tráfico internacional de armas e munições, [...] crimes referentes a abuso sexual e pornografia infantil” (CNN Brasil, 2023, s/p) seriam amenizadas.

No último episódio, na quinta matéria, o portal apresenta a entrevista do presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, que defende a destinação total de *royalties* provenientes

da exploração do petróleo na foz do Amazonas para a Amazônia. Essa foi a produção mais longa da série, já que o portal disponibilizou na íntegra a entrevista realizada. A produção final se apresenta como uma resposta institucional da Petrobras para as preocupações suscitadas na segunda e terceira matérias. Nessa reportagem, somente o presidente da estatal apresenta sua perspectiva sobre a exploração do petróleo e, indiretamente, aponta o lado em que o portal se posicionou na discussão.

O episódio final enuncia a figura do presidente da Petrobras como pessoa conciliadora, atenta e empática, que se preocupa com o bem-estar dos moradores da Amazônia. Na matéria, encontramos, de forma didática, os planos de Prates sobre a distribuição do dinheiro vindo da exploração do petróleo, relatando o que vai acontecer no processo de exploração até a extração de fato do petróleo, e o papel das ONG's, em colaboração com a estatal. Por fim, a matéria conclui com o questionamento do presidente sobre as vozes dissidentes, situando a questão no âmbito da política nacional que define as diretrizes exploratórias. Em tom desafiador, o presidente da Petrobras questiona:

[...] Queremos produzir mais petróleo ou queremos ainda ser produtores e autossuficientes durante os próximos 40 anos ou 50, mesmo com a curva de queda? Mas queremos ser donos do nosso próprio petróleo ou queremos passar a arriscar a ter que importar? Queremos ter reposição de expectativa de reservas como eu estou falando ou não queremos? Essa é uma decisão política.

As perguntas feitas ao longo da matéria não deixam dúvidas sobre a visão dualista do presidente da Petrobras, que propõe que a sociedade brasileira escolha entre o desenvolvimento que demanda a exploração da natureza ou o não desenvolvimento, que apela para a “santuarização” da natureza.

Nas análises, percebeu-se que a narrativa construída seguiu a cosmovisão do portal (lembrando que ele faz parte da constelação da CNN, uma empresa capitalista norte-americana). É a partir dessa cosmovisão, povoada de valores capitalistas, que o jornalista Caio Junqueira construiu a sua pré-compreensão das atividades petrolíferas da Petrobras, privilegiando o aspecto desenvolvimentista dessas atividades e frisando os ganhos econômicos que a região teria.

Essas pré-compreensões representam, para Ricoeur (2010), o mundo prefigurado ou a mimesis I, e a partir delas, o portal construiu, no mundo da configuração, a mimesis II, a sua narrativa sobre as atividades da Petrobras na foz do Amazonas. Assim, a partir

desta narrativa, nós, enquanto leitores e pesquisadores do portal, no mundo refigurado (mímesis III), reinterpretemos essa narrativa para analisá-la.

Assim, observamos que, mesmo que o portal tente trazer, de uma forma aparentemente neutra, questões ligadas à exploração do petróleo na Margem Equatorial Brasileira, há uma posição demonstrando que a exploração tem uma perspectiva redentora para o desenvolvimento da Amazônia e do país, e mesmo trazendo vozes antagônicas, o portal não criou um ambiente que proporcionasse um debate que leve à reflexão sobre o significado dessa exploração, ou sobre outra possibilidade de modelo de desenvolvimento para a Amazônia.

Nas narrativas, percebemos que o portal apresenta, a partir do investimento financeiro proveniente das atividades da exploração do petróleo na Amazônia, uma ideia da participação racional estatal na imagem da Petrobras e do capital financeiro para o desenvolvimento da região. Constatamos que apresenta a natureza desenvolvimentista desse projeto de exploração e não escapa da lógica dos grandes projetos trazidos de forma exógena para a Amazônia no passado, mesmo que a série inclua a fala do presidente da Petrobras em compensar a exploração destinando os *royalties* para a região.

O exercício jornalístico de apresentar os dois lados da realidade em busca da neutralidade só provou que tanto os prós quanto os contras trabalham com o mesmo sentido - seguindo o sistema desenvolvimentista. Portanto, a série do portal CNN Brasil leva a observar que tanto as instituições públicas quanto as privadas não têm outro projeto para a Amazônia que não seja esse.

Portanto, as análises mostraram que o portal não conseguiu, a partir do seu papel social de construção da realidade, provocar um debate que possa transcender o dualismo entre o desenvolvimento e a preservação do meio ambiente, trazendo uma reflexão que não separe a natureza e o humano, e coloque ambos no centro de todos os processos de desenvolvimento, cumprindo assim o desejo de Loureiro (2012) e dos amazônidas, de pensar um modelo alternativo de desenvolvimento da Amazônia, no qual tanto ela quanto seus habitantes não sejam explorados.

## CONCLUSÕES

Partindo da ideia que a mídia, enquanto instituição social, participa na construção da realidade social, analisamos a “Série Petróleo na Amazônia” do portal CNN Brasil,

buscando observar se esse portal abordou de uma forma ética-política a problemática de exploração de petróleo na Amazônia. Para tanto, lançou-se mão da noção de intriga em Ricoeur (2010). Também utilizou-se a noção de desdobramento da mimesis em três reportagens do mesmo autor, buscando refigurar a narrativa construída pelo portal sobre a atividade petrolífera na foz do Amazonas.

A pesquisa nos leva a afirmar que o projeto de exploração de petróleo na Amazônia não escapa do molde desenvolvimentista semelhante aos ditos grandes projetos realizados ao longo da história na região. As análises da série reforçam que tanto instituições privadas quanto governamentais, assim como a sociedade brasileira, têm dificuldade de pensar em outro modelo de desenvolvimento na Amazônia que vá além do falso antagonismo entre o desenvolvimento econômico do Brasil, ou melhor, da Amazônia, e a preservação do meio ambiente.

Por fim, os resultados da análise nos mostraram a incapacidade do portal analisado em trazer um debate ético-político e social sobre a intervenção desenvolvimentista estatal e empresarial na Amazônia, que possibilite colocar a Amazônia e seus habitantes no centro de todos os processos de desenvolvimento na Região.

## REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. *Opinião Pública*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 40-53, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762002000100003>
- CASTRO, E. Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: GAMA, J. R.; LEÃO, A. S. R. (Orgs.). *Sociedade, Natureza e Desenvolvimento - SND*. Santarém: UFOPA, 2012. p. 16-60.
- DIESEL, V. Leituras sobre a crise do desenvolvimento. *Paper do NAEA*, Belém, v. 1, n. 1, p. 1-51, 1995. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v4i1.11956>
- FONSECA, P. C. D. *Desenvolvimentismo: a construção do conceito*. Brasília, DF: Ipea, 2015.
- FRANÇA, V. V. *Jornalismo e vida: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, Niterói, v. 5, p. 1-19, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em: 1 dez. 2024.

LADEIRA, F. F. **10 anos de Observatório da imprensa: a segunda década do século XXI sob o ponto de vista de um crítico midiático.** Curitiba: Editora CRV, 2020.

LOUREIRO, V. R. A Amazônia no século 21: novas formas de desenvolvimento. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 527-552, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1808-24322012000200006>

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, A. D. Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência. **BOCC**, [s. l.], 2000. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/texts/rodrigues-adriano-globalizacao-experiencia.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

SCHMINK, M.; Wood, C. H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia.** Belém: Editora da UFPA, 2012.

SILVA, M. do S. R. **Medo na cidade: um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA.** 108 p., 2011. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/4338/1/Dissertacao\\_MedoCidadeEstudo.pdf](https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/4338/1/Dissertacao_MedoCidadeEstudo.pdf). Acesso em: 6 ago. 2024.

## FINANCIAMENTO DA PESQUISA

Este artigo faz parte de resultados da pesquisa realizado no âmbito do projeto “Núcleo de Diversidade Cultural e Sustentabilidade Socioambiental na Amazônia Paraense” com financiamento da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior - Capes, através do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) Amazônia Legal.

## NOTAS

1. Este artigo é produto de uma pesquisa realizada em 2023, a partir da repercussão na mídia da negação do Ibama, em 17 de maio de 2023, do pedido da Petrobras em efetuar, a 179 km da costa do Amapá, uma perfuração de teste. No presente artigo, analisaram-se reportagens especiais publicadas na “Série Petróleo na Amazônia” do portal CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/serie-petroleo-na-amazonia/>. Acesso em 18 set. 2024.
2. A cidade de Belém foi confirmada oficialmente, em 11 de dezembro de 2023, como sede da COP 30 em 2025. O evento foi rebatizado por Helder Barbalho (45 anos), governador do estado do Pará, como “COP da floresta”, e será um marco histórico para o presidente Lula por abordar a Amazônia na Amazônia.
3. No momento da pesquisa, Pratas era o presidente da estatal até o dia 24 de maio de 2024, quando Magda Chambriard (67 anos) foi nomeada a nova presidente da Petrobras pelo presidente Lula.

## SOBRE OS AUTORES

**NATHAN NGUANGU KABUENGE** Doutor em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFGPA), com pesquisa sobre hermenêutica e comunicação, narrativas contemporâneas na Amazônia paraense e mídia e violência. nathannguangu@gmail.com

**IVANA CLÁUDIA GUIMARÃES DE OLIVEIRA** Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental (PPGDSTU/UFGPA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/Unama) e dos cursos de Jornalismo e Publicidade (Unama). ivana.professora2020@gmail.com

**LUNA CARVALHO DE LUCENA** Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (PPGCLC/Unama), com pesquisa sobre representação e cultura, análise do discurso e comunicação digital. luna.lucena03@gmail.com

**ALDA CRISTINA SILVA DA COSTA** Doutora em Ciências Sociais (PPGCS/UFGPA). Coordenadora dos projetos e grupos de pesquisa Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia, Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e Hermenêutica e Comunicação (HERMENECOM). aldacristinacosta@gmail.com

**THIAGO ALMEIDA BARROS** Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/Unama) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Design Gráfico (Unama). thiago.barros@unama.br

**EDGAR MONTEIRO CHAGAS JUNIOR** Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFGPA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/Unama). edgarchagas@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 22 de dezembro de 2024

Artigo aceito em: 5 de fevereiro de 2025